



Relatório do Estado das Culturas e <u>Previsão de Colheitas</u>

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar Divisão de Programas e Avaliação Agrícola







1 - Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, e de uma maneira geral, o mês de março caracterizou-se por tempo chuvoso e grandes amplitudes térmicas. Ocorreram alguns fenómenos meteorológicos de precipitação intensa associados à passagem de quatro tempestades - Jana, Konrad, Laurence e Martinho - as quais afetaram de forma significativa a região centro. As temperaturas diurnas foram amenas, registando-se grande arrefecimento no período noturno.

No Baixo Vouga, a precipitação ocorrida continuou a ser favorável a um desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras e dos cereais praganosos. Contudo, os terrenos de cotas baixas ficaram encharcados impedindo a entrada das máquinas agrícolas, assim como o pastoreio directo. Os terrenos de cotas mais altas, drenados, favoreceram um bom crescimento das ervas forrageiras e permitiram o início da preparação dos solos para as futuras sementeiras de arroz e milho, assim como as plantações das culturas hortícolas.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a depressão Martinho foi mais marcante na região nos dias 19 e 20 de março, com a presença de chuvas muito intensas e persistentes e rajadas de vento muito forte que atingiram os 80,64 km/h (registados na estação meteorológica da Cooperativa de Montemor-o-Velho) tendo

provocado o acamamento de cereais praganosos e alguns prejuízos nas plantações de batata e em algumas estufas da região. Estas condições meteorológicas provocaram um atraso generalizado nos trabalhos agrícolas, tais como as lavouras, as sementeiras e as plantações de batata, devido ao encharcamento dos solos.

No Pinhal Litoral, a tempestade Martinho provocou estragos fundamentalmente em estufas, com a rutura de coberturas. Nas zonas mais baixas, a persistência do encharcamento dos solos está a condicionar os trabalhos de preparação de solos para as sementeiras de primavera/verão.

Nas **zonas de transição**, e de um modo geral, o mês de março foi extremamente chuvoso, pouca insolação, temperaturas baixas e muito ventoso, condições associadas sobretudo às depressões Laurence e Martinho. Apenas na última semana se registaram períodos de céu limpo e aumento das temperaturas máximas.

No Pinhal, o impacto na agricultura foi considerável, visto os solos estarem saturados e não terem permitido sementeiras, quer a nível hortícola quer ao nível de forragens. Nas fruteiras em período de floração, o estado do tempo (períodos longos de precipitação, muito vento e temperaturas baixas) poderá condicionar o vingamento. A generalidade das operações culturais que habitualmente se realizam neste período – poda do olival, queima de sobrantes, adubação, corte de erva para fenosilagem, tratamentos fitossanitários de prevenção ou





plantação de árvores - foram condicionadas pelas condições meteorológicas. Nota particular para a passagem da depressão Martinho, que além de períodos largos de precipitação, atingiu esta zona com ventos fortíssimos que causaram alguns prejuízos, como a queda de árvores, quebra de ramos e danificação de albergues agrícolas.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, ocorreram cerca de 250 mm de chuva nos primeiros 21 dias. Apesar de a maioria das prunóideas se encontrar em floração durante a ocorrência das chuvas, houve vingamento de frutos, embora não se consiga ainda descortinar a percentagem de vingamento. O bom tempo desta última semana permitiu a realização dos tratamentos fitossanitários de prevenção à base de cobre.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as temperaturas baixas e níveis de precipitação foram muito superiores aos verificados no ano anterior, principalmente com a passagem da depressão Martinho. O teor de humidade do solo é elevado, impossibilitando a sua mobilização e condicionando as plantações e sementeiras de primavera-verão. As culturas frutícolas, nomeadamente as pomóideas e prunóideas, iniciaram o seu ciclo vegetativo. As culturas temporárias, prados e pastagens, estavam com bom desenvolvimento vegetativo, no entanto, os períodos longos de chuva e as baixas temperaturas, vieram prejudicar o seu desenvolvimento.

No Pinhal Sul, o mês caracterizou-se, por temperaturas amenas para a época, com as

médias das temperaturas máxima nos 15,05°C; as médias das mínimas nos 6.59°C e as médias das temperaturas médias nos 10.82°C. A precipitação registada em março 2025, foi muito superior à registada em março 2024, tendo excedido em 756,6 mm. A amplitude máxima foi de 13°C no dia 27 de março, e a amplitude mínima registada foi de 3°C, no dia 2 de março. As condições climatéricas contribuíram para um desenvolvimento vegetativo moderado dos cereais de pragana, pastagens naturais e consociações forrageiras e permitiram o pastoreio direto dos pequenos ruminantes.

Nas zonas do interior, o mês decorreu com chuva quase constante associada às tempestades que atingiram o país ao longo do mês (Jana, Konrad, Laurence e Martinho) e temperaturas mais baixas (nalguns casos negativas), alguns dias com ocorrência de geada, neblinas e nevoeiro matinal, durante as três primeiras semanas.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, o estado de tempo verificado não favoreceu o desenvolvimento das diversas culturas, devido ao frio e chuva intensa, porém, foi uma grande ajuda para a forrageiras permanentes.

Na Campina e Campo Albicastrense, a quantidade de chuva alagou os solos de baixas, afectando o normal desenvolvimento das culturas aí instaladas, nomeadamente culturas anuais de outono inverno (cereais e forrageiras). No caso da batata impediu mesmo a sua plantação.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, o mês pautou-se por temperaturas médias inferiores em 2,18°C e 1,66°C, que em



igual período de 2024, respectivamente. Por outro lado, a precipitação ocorrida foi bem distribuída ao longo do mês e superou os valores correspondentes a março de 2024, em mais 42 mm/m² e 159,4 mm/m², respectivamente na Serra da Estrela e na Cova da Beira. A precipitação abundante e constante deu continuidade aos problemas de encharcamento das terras mais baixas com a consequente perda das sementeiras realizadas, assim como gerou atrasos no início da preparação das terras para as sementeiras de primavera. O tempo mais frio e chuvoso, atrasou também o início da actividade vegetativa das fruteiras e respetiva floração.

Em geral, os cursos de água restabeleceram os respetivos caudais e a esmagadora maioria dos vários reservatórios de água estão na capacidade máxima.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de março em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de março.



2 - Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições meteorológicas verificadas durante o mês foram favoráveis ao aparecimento/ desenvolvimento de algumas pragas e doenças nas culturas, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Pinhal (zona de transição), efectuam-se tratamentos para o pedrado da nespereira, assim como, para a prevenção de algumas doenças como a lepra do pessegueiro ou o olho de pavão no olival. Referência também para os citrinos, que estão distribuídos um pouco por toda a área, e já vão numa fase terminal da colheita (com excepção das laranjeiras mais serôdias), tendo-se identificado alguma fruta com picada de mosca-do-mediterrâneo ou míldio. As perdas não causam grande impacto ao produtor.
- No Pinhal Sul (**zona de transição**), nas cerejeiras foram realizados tratamentos contra a monília; nos pessegueiros contra a lepra.
- Na Campina e Campo Albicastrense (**zona de interior**), realizam-se sobretudo nas espécies fruteiras tratamentos preventivos contra fungos.



Relativamente aos factores abióticos, as condições climatéricas verificadas durante o mês, nomeadamente a ocorrência persistente de precipitação associada ás várias tempestades que assolaram o país e a região (Jana, Konrad, Laurence e Martinho), dificultaram a aplicação dos produtos fitofarmacêuticos, quer dos preventivos, quer dos curativos. Com a melhoria das condições meteorológicas, os agricultores procederam aos tratamentos preventivos/ curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas.

Não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando o caso, sobretudo no Pinhal (**zona de transição**), onde continuam os ataques de espécies cinegéticas.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de março para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDRC, foram:

Gestão do coberto do solo em Fruteiras - de entre as principais técnicas para a gestão de vegetação espontânea do solo, destacamos três: Mobilização do solo, Controlo químico e, Enrelvamento.

Batateiras – medidas culturais para os seguintes casos: Alfinete (Agriotes proximus, Agriotes spp.), Sarna comum da batata (Streptomyces scabiei).

Citrinos - míldio ou aguado dos citrinos

(Phytophthora spp.), afídeos.

Controlo de infestantes/Manutenção dos Solos em Vinhas, Olivais, Pomares de Prunóideas e Pomóideas – através de meios mecânicos (intercepas), e/ou monda térmica através de queimadores ou vapor de água, ou monda química (aplicação de herbicidas);

Olival – caruncho e tuberculose, gafa, olho-depavão e cercosporiose, cuidados a ter na poda.

Pequenos frutos (mirtilo) - os mirtilos têm grande sensibilidade à podridão nos períodos de pré-floração e floração. Mantenha a vigilância, sobretudo em períodos de chuva e nas variedades sensíveis. Durante o período de floração evite a aplicação de produtos fitofarmacêuticos.

Pomóideas (macieiras/pereiras) - formas hibernantes de insectos e ácaros: aranhiçovermelho, psila-da-pereira, cochonilha de São José, pulgão lanígero e/ou afídeos (várias espécies), cancro-europeu (Nectria galligena), pedrado, cancro-bacteriano.

Prunóideas (cerejeiras, pessegueiros, outras)

- nos pessegueiros: lepra e moniliose; nas cerejeiras e pessegueiros: cilindrosporiose, crivado, moniliose, cancro-bacteriano (*Pseudomonas syringae*).

Vinha – escoriose da videira, botriosferiose (*Botryosphaeria spp.*) ou escoriose-europeia, escoriose-americana (*Phomopsis viticola*), tratamento das infestantes.

Informação Fitossanitária - Vetores de Xylella fastidiosa - Sistema de alerta.



3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas zonas do litoral, no Baixo Vouga, a persistente pluviosidade verificada manteve alguns solos sob a acção prolongada da humidade, como foi o caso dos terrenos mais baixos, onde a capacidade de drenagem da água acumulada se mostrou bem mais lenta. Com a chegada dos dias secos, mais luminosos e com temperaturas mais elevadas nos últimos dias do mês, estas culturas começaram a denotar uma boa recuperação. A alimentação animal tem estado dentro dos parâmetros normais, baseada nos fenos, silagens e rações industriais, complementadas com suplementos vitamínicos.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, estas culturas apresentam um crescimento vegetativo mais regular. Não foi possível realizar os segundos cortes das culturas forrageiras. A alimentação animal tem sido efetuada com base na matéria verde disponível nos pastos, complementada com silagem de milho, fenos e palhas e a administração de rações de acordo com as necessidades dos animais. O alagamento dos solos e o transbordar dos rios tem dificultado o pastoreio directo.

No Pinhal Litoral, os campos continuam muito encharcados e o desenvolvimento das culturas continua um pouco estagnado. A alimentação animal é garantida através do pastoreio directo, complementada pelos fenos e pela silagem de milho.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, apesar das condicionantes meteorológicas, o mês de março foi favorável para os agricultores que possuem terrenos para pastoreio ou para forragens, considerando o bom desenvolvimento da matéria verde. Nas pastagens espontâneas ou em regime

plurianual já bem consolidado de anteriores anos, o raizame suportou os altos índices de precipitação, tendo havido produção de matéria verde que permitiu o pastoreio extensivo. Nas zonas com pior drenagem tem sido evitado o pastoreio dos animais, devido aos danos que o pisoteio provoca quer nas plantas quer no próprio solo (compactação). Nas pastagens semeadas no inverno, foi feita alguma gestão no pastoreio, de modo a não condicionar a longevidade destas, até porque algumas à base de azevém e leguminosas serviram nesta fase ao pastoreio extensivo, mas serão adubadas e ficarão agora reservadas à produção vegetal e posterior corte. Nas forragens, as condições meteorológicas ainda não permitiram um primeiro corte para fenosilagem, havendo o risco de a erva acamar. Nos terrenos que serão para a produção de feno, houve boa resposta às adubações - onde foi possível efectuá-las - e perspectiva-se uma produção na média.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras continuam com crescimentos elevados para a época. O pastoreio faz-se com algumas limitações por os pastos estarem encharcados, obrigando ao corte de forragem para suprir a diminuição de pastoreio. O consumo de feno e de rações industriais, é reduzido ao mínimo.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a precipitação ocorrida ao longo do mês de março e as baixas temperaturas, estão a prejudicar o desenvolvimento vegetativo em alguns locais, associado ao encharcamento dos solos, que provoca a asfixia e a podridão radicular. As



pastagens semeadas no início do inverno estão em fase de pastoreio e corte para consumo em verde.

No Pinhal Sul, as temperaturas amenas, com pluviosidade intensa muito acima do histórico normal e muitos dias com sol encoberto, dificultaram o desenvolvimento vegetativo nos prados e nas consociações forrageiras. As pastagens naturais e semeadas têm proporcionado uma boa alimentação dos efectivos pecuários.

Nas **zonas do interior**, de uma forma geral, os prados, as pastagens e as culturas forrageiras apresentam um aspecto vegetativo a variar de: normal (Riba Côa, Cimo Côa), a bom (Cova da Beira, Serra da Estrela) e óptimo (Campina e Campo Albicastrense) devido às condições climáticas verificadas. A alimentação dos efectivos é feita em grande parte recorrendo ao pastoreio directo, complementada com fenos e palhas, disponibilizando-se o recurso a rações e outros alimentos conservados, nos casos de animais com vocação produtiva de leite ou animais de engorda.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, o encharcamento das terras localizadas a cotas inferiores veio agravar o já reduzido desenvolvimento das espécies pratenses e forrageiras e até provocar a sua morte por asfixia radicular. Exceptuando-se casos em que foi necessário recorrer a maior quantidade de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, o recurso a estes alimentos foi inferior a igual período do ano transacto (cerca de menos 20%).

Na Campina e Campo Albicastrense, existem bons indícios de abundante produção forrageira, exceptuando-se algumas culturas alagadas em solos de baixas ou nas imediações dos cursos de água. Actualmente as condições de alimentação dos animais em pastoreio são muito boas dada a também boa disponibilidade de massa forrageira para pastoreio para a presente época do ano.

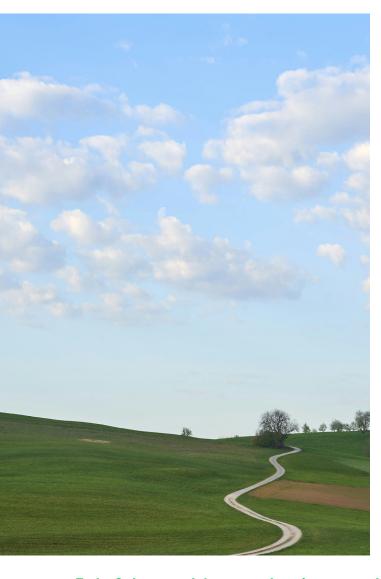


4-b - Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Invernal.

Nas **zonas do litoral**, e de um modo geral, a precipitação ocorrida ao longo do mês permitiu um bom desenvolvimento vegetativo destas culturas, normal para a época, com boas germinações, com exceção das sementeiras realizadas em solos encharcados.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a persistência de ataques de espécies cinegéticas reflecte-se na diminuição de áreas semeadas, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona. A este factor aliou-se o encharcamento nos solos durante o período habitual de sementeira.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, estas culturas apresentam-se com bom aspecto vegetativo,



encontrando em fase de afilhamento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as sementeiras de cereais, como aveia, centeio, cevada e trigo feitas nos meses precedentes beneficiaram do estado de tempo ocorrido nos meses seguintes, registando boa germinação, embora tenha ocorrido algum atraso no crescimento, nas zonas mais encharcadas. Outra situação verificada são os ataques de espécies cinegéticas, causando prejuízos.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, os cereais de pragana em consociação, com destino a forragens para alimentação animal apresentam um desenvolvimento normal, com uma coloração amarelada, devido a alguma lixiviação de azoto e pela impossibilidade dos terrenos muito encharcados não permitirem adubações de cobertura, com adubos azotados.

Nas zonas de interior, de uma maneira geral, estas culturas também apresentam bom aspeto vegetativo excetuando-se algumas culturas alagadas em solos de baixas ou nas imediações dos cursos de água (provocou algum amarelecimento das searas que em casos de maior gravidade ou persistência levaram à asfixia radicular e consequente morte das plantas). Por outro lado, e na sequência do excesso de água também não foi possível efectuar as adubações de cobertura.

5-d - Culturas arbóreas e arbustivas: estado vegetativo; floração; produção dos pomares de citrinos quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, a colheita de citrinos está a terminar. Os frutos apresentam bom calibre e boa qualidade. A qualidade e a quantidade são idênticas ao ano anterior.

No Baixo Vouga, os pomares de citrinos encontram-se na fase de floração.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal Sul, a laranja encontra-se no estado fenológico "C1" Crescimento dos gomos foliares e "D" Aparecimento dos gomos foleares. As laranjeiras e os limoeiros continuam a manter os frutos da produção do ano anterior. A procura de limão no mercado nacional é baixa. A laranja é toda para consumo próprio.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, embora continuem a cair muitos frutos, a produção, em termos qualitativos e quantitativos, é superior à do ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os pomares de citrinos existentes, apresentam um desenvolvimento vegetativo normal, com as plantas em início da brotação reprodutiva, com os botões florais já visíveis. O excesso de chuva que ocorreu durante o mês, poderá potenciar a ocorrência de



míldio originando a queda de frutos. Estima-se que a produção e qualidade possam ser superiores ao ano anterior.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os citrinos apresentam um aspeto vegetativo normal para a época, tendo-se verificado uma boa produção, boa qualidade e quantidade nos citrinos.

Nas zonas homogéneas da Campina e Campo Albicastrense, da Serra da Estrela e da Cova da Beira, os citrinos evidenciam boa produção, dentro dos valores habituais, apesar de ser notória a perda de frutos devido aos ataques da mosca do mediterrâneo e posteriormente aos de míldio, cujas infeções foram facilitadas pelas picadas da mosca.

Pomares de Kiwis, Maracujá

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, nos pomares de kiwi e de maracujá está a decorrer a poda.

Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, o mirtilo já está a iniciar a fase de frutificação.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a floração dos mirtilos já se iniciou, estando mais atrasada na Serra da Estrela.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de prunóideas encontram-se na fase de floração.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, grande parte das variedades já quebrou a dormência, e apresenta gomos foliares e florais, sobretudo nas variedades mais temporãs de damasqueiros, pessegueiros e ameixeiras. É provável a quebra na produção destas fruteiras, devido à severidade das condições meteorológicas registadas no presente mês.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as prunóideas encontram-se em floração / vingamento.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, as prunóideas encontram-se em diversos estados fenológicos desde o botão inchado até ao vingamento e desenvolvimento do fruto, dependendo da espécie e variedade.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pessegueiros, nectarinas e cerejeiras, encontramse em floração (entre plena floração e a queda das pétalas), dependendo das variedades e da localização dos pomares.

Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de pomóideas encontram-se na fase de floração.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, no caso da nespereira, os frutos já estão a mudar de cor. Pese embora os vários períodos de chuva ocorridos, desde a floração, o vingamento decorreu favoravelmente e a carga de fruto parece ser superior ao ano transato, embora sempre com a doença do pedrado muito presente.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as pereiras encontram-se na fase de gomos florais inchados. As macieiras encontram-se na fase de gomos inchados-início da floração, sendo que as variedades Golden e Bravo, estão mais atrasadas. O tempo húmido e chuvoso na época da floração, gera problemas acrescidos de moniliose com consequências no vingamento do fruto, em culturas não tratadas.

Na Campina e Campo Albicastrense, as pomóideas estão com o botão/gomo de inverno pelo que ainda não iniciaram o desenvolvimento vegetativo.







Olival

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o olival já reiniciou a atividade vegetativa há algumas semanas e apresenta vários estados fenológicos, desde o aparecimento dos botões florais até à mudança de cor da corola.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, os olivais encontram-se com o botão/gomo de inverno pelo que ainda não iniciaram o desenvolvimento vegetativo.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, nas oliveiras a norte da Serra da Estrela e Cova da Beira as podas já terminaram. Nos olivais a sul da Gardunha e nas zonas mais soalheiras da Cova da Beira, as oliveiras encontram-se no início do desenvolvimento dos gomos florais - Estado B.

Vinha

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na vinha, já se começa a identificar alguma atividade. Verifica-se sobretudo o estado fenológico do gomo de algodão e em castas mais precoces, o estado fenológico de ponta verde ou mesmo saída de folhas.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, as vinhas encontram-se com o botão/gomo de inverno pelo que ainda não iniciaram o desenvolvimento vegetativo.

Outros pomares

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na cultura do medronheiro, ocorreram bons vingamentos e o fruto já apresenta algum desenvolvimento – ainda que seja uma cultura heterogénea com medronhos de calibres distintos. As baixas temperaturas e reduzidas horas de sol originaram atraso no desenvolvimento da cultura, comparativamente com o ano de 2024.

8-b - Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e fundas.

Nas **zonas do litoral**, os lagares já terminaram o seu funcionamento no mês de dezembro.

No Baixo Vouga, a qualidade do azeite foi idêntica ao ano anterior. A funda foi de 12%, valor considerado normal para a região.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a azeitona colhida e o azeite produzido apresentam qualidade inferior em relação ao ano passado. O azeite foi produzido com menor rendimento. A funda média foi de 12 %, ou seja, em 100 kg de azeitona produziram-se 12 litros de azeite.

No Pinhal Litoral, a qualidade do azeite dependendo da altura da colheita, foi diferente. Da azeitona colhida mais cedo, resultou azeite de boa qualidade, mas da azeitona colhida em novembro resultou



azeite de menor qualidade. A funda verificada foi de 9 litros de azeite/100 kg de azeitona.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona ocorreu maioritariamente durante o mês de outubro, sobretudo na primeira quinzena. A precipitação que foi ocorrendo durante o mês, obrigou a uma colheita precoce, para evitar que a azeitona se estragasse ainda mais, devido à gafa. Nesta fase, o fruto acabou por fundir pouco, quer pela humidade que o fruto trazia, quer por ainda não estar no máximo teor de gordura. Para os produtores que optaram por colher mais tarde, nomeadamente no decorrer do mês de novembro, obtiveram melhores fundas, mas com graus de acidez muito elevados, devido à pouca qualidade do fruto. Os olivicultores que efetuaram tratamentos fitossanitários tendo em consideração os períodos de maior risco, puderam gerir melhor o momento da colheita, adiando a apanha para depois do período de maior precipitação, nestas situações ocorreu menor queda de fruto e a produção foi mais sã, resultando num grau de acidez mais baixo que o grosso dos olivicultores. A quantidade de azeitona foi ligeiramente superior ao ano anterior e todos os lagares da zona laboraram. O valor do litro de azeite diminuiu, face ao período homólogo. O olival já reiniciou o seu ciclo vegetativo anual, que se encontrava naturalmente inibido pelas baixas temperaturas, a nova rebentação tem alguns centímetros, sendo já possível identificar-se nalguns casos os gomos florais nos ramos do ano anterior.

No Alto Mondego e na Beira Serra, a quantidade de azeitona produzida foi semelhante ao ano anterior, mas a qualidade da azeitona que foi entregue para laboração foi má, pelo que as fundas foram baixas e os azeites de acidez elevada.

No Pinhal Sul, a produção de azeitona para azeite foi cerca de 30% inferior ao ano anterior. O rendimento médio foi de 11,57%, com fundas de 8,6 kg de azeitona, para 1 litro de azeite. Quanto á qualidade foram produzidos azeites virgens, com acidez entre 1,5° e 2°. Sendo a maior parte da produção azeites lampantes, com acidez acima dos 2°.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os lagares funcionaram normalmente, tendo terminado a campanha um pouco mais tarde no Alto Dão Lafões. A azeitona entregue nos lagares, tinha caraterísticas diferentes, uma ainda verde, outra seca (sem dureza). Verificou-se um acréscimo de 30% na produção de azeitona para azeite no Alto Dão-Lafões, e um decréscimo de 10% no Baixo Dão-Lafões devido, nomeadamente, à gafa. Relativamente às fundas, no Alto Dão-Lafões a funda média foi 12Kg/L, ou seja, em 100 kg de azeitona produziram-se 8,33 L de azeite e, no Baixo Dão-Lafões a funda média foi de 11 Kg/L, ou seja, em 100 kg de azeitona produziram-se 9,09 L de azeite.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, salvo algumas situações, no geral, o rendimento em azeite foi superior ao ano anterior. Na presente campanha a gafa instalouse mais cedo do que o habitual o que originou nos olivais não tratados maior perda da qualidade da azeitona e consequentemente do azeite, para além das perdas de produção. Deste modo, no geral da produção de azeite, coexistem azeites de boa qualidade, provenientes de azeitonas sãs, sobretudo com origem em olivais tratados em termos fitossanitários, a par de outros azeites de qualidade inferior, produzidos com azeitonas deterioradas na sequência dos ataques de gafa. Em alguns lagares começa a haver interesse em iniciar a laboração mais cedo do que o habitual, colhendo-se a azeitona antes do aparecimento da gafa e assim favorecer a qualidade da azeitona e por consequinte do azeite.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, foi um bom ano para a produção de azeite, havendo uma boa produtividade e qualidade. De início e devido à colheita se ter iniciado muito cedo, as fundas eram algo fracas, também porque a azeitona estava cheia de água, mas no final da campanha, verificou-se uma boa funda, em média nos 15%.

Na Serra da Estrela e na Cova da Beira, no tocante à azeitona para azeite, a quebra na produção foi global, estimando-se numa redução de 15% em ambas as zonas homogéneas, relativamente a 2023, associada a uma redução de qualidade na azeitona oriunda de olivais que não foram tratados contra a mosca e gafa. Esta situação deu origem a quebras acentuadas quer na produção viável, quer no rendimento em azeite e um aumento generalizado na acidez do mesmo.



9-a - Plantação de batata (sequeiro e regadio): como decorreu; variação das áreas plantadas relativamente ao ano anterior, motivo das variações verificadas; estado da cultura.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a cultura da batata na região mantém-se como uma cultura tradicional e de rendimento, pelo que as suas áreas de cultivo se têm mantido mais ou menos estáveis. A plantação da batata de sequeiro (primor) atrasou, não tendo sido feita dentro do "período normal", ou seja, durante os meses habituais de janeiro/fevereiro, uma vez que as condições meteorológicas adversas de chuvas frequentes naqueles meses, impediram as mobilizações dos solos. As plantações de batata de regadio (conservação), estas em maior quantidade, iniciaram-se em simultâneo, na expectativa de disponibilizarem produto comerciável mais tardio.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, as plantações de batata já se iniciaram de forma muito residual, maioritariamente nas hortas familiares e nas zonas de cotas mais altas e terrenos mais arenosos. Em algumas áreas plantadas ocorreu a perda total da cultura, por causa das chuvas intensas e a consequente humidade excessiva dos solos. Estas áreas serão replantadas logo que as condições meteorológicas o permitam.

No Pinhal Litoral, as áreas de plantação são sensivelmente idênticas. As plantações já efectuadas encontram-se no estado de emergência, contudo, se a persistência da pluviosidade pode acarretar danos na cultura.

Nas **zonas de transição**, em geral, as condições climatéricas, em particular o encharcamento dos solos, condicionaram a realização da plantação nos períodos "normais", sendo expectável que a maioria se realize durante o mês de abril.

Nas zonas onde a batata de sequeiro foi plantada, como no Alto Mondego e Beira Serra, regista bom vingamento bem e está em fase de tuberização, ainda que com casos em que se queimou devido às baixas temperaturas.

Não é possível, de momento, estimar a variação das áreas de batata, as quais dependerão das condições que vierem a ocorrer.

Nas **zonas do interior**, as plantações da batata estão igualmente bastante atrasadas em geral, devido ao estado de tempo verificado e alguma que foi plantada principalmente nas baixas, teme-se a sua asfixia radicular devido à chuva intensa verificada.

A informação disponível aponta para uma redução das áreas na Cova da Beira e na Campina e Campo Albicastrense. Na área que foi plantada verifica-se algum atraso na germinação devido à chuva e também às temperaturas baixas.









ANEXO I

| Zonas Homogéneas | | Concelho | Local | Precipitação acumulada (mm) | N.º de dias com precipitação | Temperaturas Médias (.ºC) | | | | |
|--------------------|------------------|-------------------|---|--------------------------------|------------------------------------|---------------------------|------|-------|----|--|
| | | | | 01 a 31/03 | 01 a 31/03 | Máx. | Min. | Média | | |
| | | Agueda | Aguieira | 109,6 | 18 | 18,2 | 7,0 | 12,2 | | |
| ZONAS DO LITORAL | Baixo Vouga | Anadia | Arcos | 108,6 | 10 | 17,4 | 7,4 | 12,1 | | |
| | | Anadia | Pedralvites | - | - | - | - | - | | |
| | | Cantanhede | Poço Lobo | 144,4 | 20 | 16,8 | 7,1 | 11,6 | | |
| | | Soure | Moinho de Almoxarife | 182,8 | 21 | 25,7 | 1,9 | 12,1 | * | |
| | Baixo Mondego | Coimbra | Cooperativa Agrícola de Coimbra | 183,2 | 22 | 26,9 | 1,5 | 12,3 | * | |
| | | Montemor-o-Velho | Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho | 193,4 | 22 | 24,9 | 2,7 | 12,2 | * | |
| | | Coimbra | Instituto Politécnico de Coimbra | 175,8 | 22 | 25,1 | 1,1 | 12,0 | * | |
| | | Batalha | Brancas | 179,0 | 21 | 17,6 | 7,1 | 12,0 | | |
| | | | | 165,4 | 21 | 16,4 | 8,6 | 12,0 | | |
| | Pinhal Litoral | Porto de Mós | Casal do Alho | - | - | - | - | - | | |
| | | Pombal | Abiul | 77,8 | 9 | 17,6 | 7,9 | 11,9 | | |
| | | Leiria | Regueira de Pontes | - | - | - | - | - | | |
| | Pinhal | Lousã | Quinta do Conde | 219,2 | 19 | 21,7 | 6,8 | 12,6 | | |
| 0 | | Miranda do Corvo | Cerdeira | - | - | - | - | - | | |
| ZONAS DE TRANSIÇÃO | | Ansião | Freixo | 25,6 | 8 | 16,5 | 7,0 | 11,0 | | |
| | Beira Serra | Nelas | C. E. Vitivinícolas | - | - | - | - | - | | |
| | Alto Dão-Lafões | Viseu | Estação Agrária | 239,0 | 19 | 14,9 | 5,5 | 9,8 | | |
| | Baixo Dão-Lafões | Tondela | Quinta das Tilias | 284,0 | 20 | 17,4 | 7,2 | 11,3 | | |
| | Alto Mondego | Gouveia | Nabais | 104,6 | 18 | 15,3 | 5,4 | 9,9 | | |
| 8 | | Sertã | Cernache | 241,4 | 23 | 15,5 | 5,7 | 10,2 | | |
| N | Pinhal Sul | Proença-a-Nova | Chão-do-Galego | 276,6 | 21 | 13,9 | 6,8 | 9,6 | * | |
| | | Oleiros | Oleiros | 268,4 | 24 | 13,0 | 5,2 | 8,6 | | |
| | | Mêda | Longroiva | 88,8 | 17 | 16,4 | 4,5 | 10,2 | | |
| œ | Riba Côa | Pinhel | Pinhel | 108,8 | 18 | 13,8 | 3,5 | 8,6 | | |
| | | Trancoso | Trancoso | 144,4 | 20 | 10,5 | 2,9 | 6,2 | | |
| | Serra da Estrela | Celorico da Beira | Carvalheda | 154,4 | 21 | 14,6 | 4,7 | 9,2 | | |
| 흝 | Sala du Cu Ciu | Guarda | Relvas | 180,4 | 20 | 14,6 | 5,1 | 9,5 | | |
| ZONAS DO INTERIOR | Cimo Côa | Sabugal | Martim Rei | 259,8 | 22 | 11,2 | 2,5 | 6,6 | | |
| | | Almeida | Almeida | 129,0 | 20 | 12,3 | 3,9 | 8,0 | | |
| ŏ | | Belmonte | Belmonte | 243,4 | 22 | 14,8 | 4,4 | 9,3 | | |
| ž | | Covilhã | Lamaçais | 277,4 | 20 | 15,1 | 4,8 | 9,7 | | |
| Ñ | Cova da Beira | | Brejo | 190,0 | 21 | 13,1 | 5,3 | 8,9 | ** | |
| | | Fundão | Alcongosta | 369,0 | 22 | 12,2 | 5,1 | 8,3 | | |
| | | | Fadagosa | 220,2 | 20 | 13,7 | 5,9 | 9,4 | * | |
| | Campina e Campo | Idanha-a-Nova | Várzea | 196,0 | 22 | 15,9 | 5,7 | 10,4 | * | |
| | Albicastrense | Penamacor | Assoc. B. Cova Beira | 128,2 | 21 | 14,6 | 4,4 | 9,2 | | |

Fontes: EM/M.A.P. - D.G.A.V. - D.I.F.M.P.V.

*ABOFHBM

ANEXO II

Fonte: CCDRC/OIGRH

| | 14 | 28/03/2025 | | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------------|------------------|------------|---------------------------|------------|--------------------|---------------------|-----------------|----------------------------|---------|-------------------|----------|---------------------------|---------|-----------------------------|----------------------|--------------------|
| | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | Albufeira | Cota (NPA) | Vol. total (NPA) - hm3 | Vol. morto | Vol. útil - hm3 | Armazenamento total | | | | | | Armazename | nto úti | Descargas | nos último | s 7 dias |
| Concelho | | | | | | Cota actual | Actual (hm3) | Ultima leitura (hm3) | l ∨aria | - | % ao NPA | Vol. útil armaz. - hm3 | * | Descarregado r de Cheias | Descarga de fundo | Caudal ecológic |
| Anadia | Porcão | 104,00 | 0,102 | 0,004 | 0,098 | 104,00 | 0,102 | 0,102 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 0,098 | 100,0% | sim | não | n.a. |
| Castelo Branco | Magueija | 353,50 | 0,134 | 0,000 | 0,134 | 353,58 | 0,134 | 0,134 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 0,134 | 100,0% | sim | não | n.a. |
| Figueira de Castelo Rodrigo | Vermiosa | 684,80 | 2,200 | 0,050 | 2,150 | 684,81 | 2,200 | 2,200 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 2,150 | 100,0% | sim | não | não |
| Mortágua | Macieira | 143,63 | 0,946 | 0,026 | 0,920 | 143,69 | 0,946 | 0,946 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 0,920 | 100,0% | sim | não | sim |
| Oliveira de Frades | Pereiras | 482,00 | 0,120 | 0,005 | 0,116 | 482,02 | 0,120 | 0,120 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 0,116 | 100,0% | sim | não | na. |
| Pinhel/Trancoso | Bouça-Cova | 577,00 | 4,867 | 0,183 | 4,684 | 577,01 | 4,867 | 4,773 | 0,094 | 1 | 100,0% | 4,684 | 100,0% | sim | não | sim |
| Sabugal | Alfaiates | 801,00 | 0,854 | 0,204 | 0,650 | 801,01 | 0,854 | 0,854 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 0,650 | 100,0% | sim | não | não |
| Vila Velha de Ródão | Açafal | 112,60 | 1,746 | 0,000 | 1,746 | 112,62 | 1,746 | 1,746 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 1,746 | 100,0% | sim | não | não |
| Vila Velha de Ródão | Coutada/Tamujais | 131,00 | 3,891 | 0,591 | 3,300 | 131,02 | 3,891 | 3,891 | 0,000 | ↔ | 100,0% | 3,300 | 100,0% | sim | não | não |
| Viseu | Calde | 547,20 | 0,589 | 0,033 | 0,556 | 547,23 | 0,589 | 0,589 | 0,000 | \leftrightarrow | 100,0% | 0,556 | 100,0% | sim | não | na |
| | | | 15,449 | 1,095 | 14,354 | | 15.449 | 15,355 | | Г | 100,0% | 14,354 | 100,0% | | | |

ESCENTRO:

WWW.CCDRC.PT

